



Peer Review Report


PEER REVIEW REPORT FOR:

Nganga, C. S. N., Casa Nova, S. P. C., Silva, S. M. C., & Lima, J. P. R. (2023). There's so much life out there! Work-life conflict, women and accounting graduate programs. *Revista de Administração Contemporânea*, 27(2), e210318. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2023210318.en>

HOW TO CITE THIS PEER REVIEW REPORT:

Nganga, C. S. N., Casa Nova, S. P. C., Silva, S. M. C., Lima, J. P. R., & Sauerbronn, F. F. (2022). Peer review report for: There's so much life out there! Work-life conflict, women and accounting graduate programs. RAC. *Revista de Administração Contemporânea*. Zenodo. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7468133>

REVIEWERS:

-  Fernanda Filgueiras Sauerbronn (Universidade Federal do Rio de Janeiro, PPGCC, Brazil)
The other reviewer did not authorize the disclosure of his/her report.

ROUND 1

Reviewer 1 report

Reviewer: Fernanda Filgueiras Sauerbronn
Date review returned: January 27, 2022
Recommendation: Major revision

Comments to the authors

PARECER RAC-2021-0318

"Há tanta vida lá fora! Work-life Conflict, Mulheres e Pós-Graduação em Contabilidade."

O artigo traz um tema relevante e atual na academia de ciências contábeis que vem buscando maior diversidade e amplitude em seus temas de pesquisa (mas que ainda não necessariamente percebemos nas práticas cotidianas). Trata-se de discussão urgente e necessária.

Em meu entendimento, o foco proposto recai sobre as dicotomias impostas como “abandono ou adiamento” da vida pessoal, principalmente sobre questões relacionadas à maternidade e as altas cobranças acadêmicas, enfatizando que nenhuma das duas opções é justa. A introdução também aponta o interesse das/dos autoras/autores em discutir as relações pessoais construídas com pares e professores, quanto o ambiente institucional acadêmico, de forma que a academia avance para que as difíceis escolhas não recaiam sobre as mulheres.

O artigo traz uma ótima revisão de literatura com a apresentação encadeada de conceitos. O texto é fluído e muito bem escrito tendo um prazeroso ritmo de leitura. Creio que muitos outros autores poderiam ter sido trazidos nessa seção, entretanto, imagino que a limitação de espaço tenha feito escolhas direcionadas pelo diálogo com a parte empírica do texto.

Na seção de método, é necessário esclarecer o que é o construcionismo de Chua (1986), uma vez que esse conceito não nasce com a autora que traz (muito apropriadamente) uma releitura/discussão paradigmática a partir de Burrell & Morgan (1979) para a contabilidade. A RAC possui leitores de diversas subáreas das ciências sociais aplicadas e o uso dessa referência pode soar como uma “cortina de fumaça” ao não aprofundar a discussão necessária.

Entendo que esclarecer as afiliações epistêmicas dos autores é necessário em uma seção de metodologia para que se apresente o que as/os autoras/autores entendem por conhecimento, como ele é formado, e como ele pode ser acessado pelas falas dos sujeitos. O único parágrafo no ‘percurso metodológico’ (outra cortina de fumaça) não dá conta disso. Cada uma dessas vertentes possui respostas ligeiramente distintas para cada uma delas e esse detalhamento/profundidade, infelizmente, não está em Chua (1986).

Considero esse esclarecimento importante pois diferentes autores na sociologia e na psicologia trabalham essa vertente de forma distinta inclusive em termos metodológicos devido aos diferentes desdobramentos do construcionismo (de Berger & Luchman) em, por exemplo, em construcionismo (de Gergen e outros na psicologia), do interacionismo simbólico (de Blumer ou de Goffman) e do interacionismo interpretativo e da a fenomenologia e círculo hermenêutico de (de Heidegger ou outros), dentre diversas outras vertentes interpretativistas.

Na construção do roteiro de entrevista, é mencionado que este foi formado pelas experiências das pesquisadoras; entretanto, pergunto, não serão reconhecidas as influências do referencial teórico acessado na construção do roteiro? Diversos elementos apontados como resultados na introdução e no resumo já estavam na revisão de literatura. Me pergunto se esses estudos não influenciaram a montagem do roteiro bem como a análise dos resultados? Sugiro esclarecer da seção 3 em diante.

A escolha por renomear todas as participantes utilizando-se nomes de mulheres negras brasileiras não me parece em nada apropriado. As/Os autoras/autores não adotam a perspectiva do feminismo negro no referencial (nem mesmo aquelas utilizadas para nomear as participantes, como Lélia ou Beatriz) e na metodologia afirmam assentar-se no pós-estruturalismo feminista utilizando duas referências brancas. Ao invés de soar como uma “homenagem”, parece-me expropriante e sem direito de escolha as pessoas que construíram e carregam/carregavam esses nomes. A esse respeito, a tabela 1 também não indica como as participantes se identificam em termos de raça, tornando mais difícil ainda aceitar esse critério para os pseudônimos. Ou seriam os pseudônimos escolhidos pela similaridade com as histórias das mulheres negras a despeito da identidade racial das entrevistadas? Não temos as histórias/trajetórias completas para que isso faça sentido.

Um pequeno detalhe, a tabela 1 menciona “fase atual no doutorado”, entendo que estejam se referindo a “fase no doutorado quando da entrevista”, correto? Outro detalhe, a tabela 1 não deixa claro se temos dentre as participantes as doutorandas solteiras (jovens ou não) que não possuem nem parceiros, nem filhos. Elas foram contempladas no estudo? Ou foram retiradas do grupo para que dados sobre outros tipos de assédio não emergissem? Sugiro esclarece.

Sobre o uso da “template analysis” de King, é importante frisar que tal técnica pode ser usada por pesquisadores qualitativos, tanto funcionalistas realistas e objetivistas, quanto pelos interpretativistas e construtivistas. Entretanto, como King afirma, é importante que os pressupostos epistêmicos sejam esclarecidos de forma a explicar a necessária flexibilidade na análise e interpretação, bem como a relação entre pesquisadores e entrevistados, assentados em reflexividade. Isso não foi esclarecido na seção de método também, o que me deixa em dúvidas se as/os pesquisadoras/pesquisadores possuem um perfil mais objetivista no uso da técnica de codificação do que necessariamente da reflexividade para que múltiplas interpretações possam emergir e serem discutidas.

Ao analisar a tabela 2 (à luz de alguns esclarecimentos que senti falta e foram mencionados acima), causa estranhamento que não exista um plural de categorias de primeira ordem, mas apenas uma. Digo isso, pois não parece adequado que a única categoria de primeira ordem (dita como emergindo dos dados) seja exatamente o descrito como objetivo do estudo: work-life balance. Também é estranho que tenham emergido apenas duas subcategorias e que estas sejam exatamente a forma como a análise é estruturada (em 2 seções). Em pesquisas construcionistas e interpretativistas, frequente, processo de interpretação inicia-se antes da elaboração do relatório de análise, de forma que, as categorias originalmente emergentes do campo são preservadas e trazidas à tona na formação do texto interpretativo. A estrutura desse texto interpretativo não necessariamente se dá em função das categorias ou subcategorias, mas sim do diálogo pretendido pelas/pelos autoras/autores com a literatura e seus leitores.

É curioso que o texto aponta alguns elementos que poderiam ser categorias (da literatura ou dos dados), como responsabilidades atribuídas à mulher, divisão sexual do trabalho, diversos papéis (e sub papéis), influência do mercado (quais mercados), abandono, tipos

de sofrimento; tipos de cobrança; e subcategorias correspondentes. Minha intenção com essa lista não é impor categorias aos autores, pelo contrário, apenas mostrar minha inquietação diante das possíveis categorias/subcategorias que para mim “brotam” de alguns relatos ao lê-los na seção 4.

Minha sugestão também não é no sentido de que o texto aumente, mas sim, que a tabela 2 seja mais completa contemplado, por exemplo, os diversos papéis (e sub papéis) que emergem das falar deixando a interpretação destes para a seção 4. A esse respeito digo, os papéis seriam apenas de professoras, mães, filhas e esposas? Não existiriam diferentes tipos de mães ou esposas que são relatadas por essas mulheres: mãe zelosa, mãe ausente, mãe trabalhadora, mãe competitiva (e que ao mesmo tempo alimenta e não perde um prazo!). A interpretação das categorias poderia ser mais explorada, não apenas ter o papel “mãe” apontado de forma genérica e sem desconstruí-lo na interação com outras subcategorias, como produtivismo ou empregabilidade.

A despeito dessa consideração a cerca da tabela 2 e das categorias, entendo que a estrutura do capítulo de análise é boa e as/os autores fizeram uma escolha interessante. Os relatos são incríveis e precisam ser lidos por ampla audiência.

Entretanto, ficou confuso (na página 8) o uso literal de relatos de pesquisa anterior sobre abandono (Casa Nova, 2014) intercalado com os dados da presente pesquisa (acontece 2 vezes no texto estranhamente). A categoria abandono não emergiu das 12 entrevistas? Ninguém usou esse vocábulo nessa pesquisa (ao invés da referência mencionada)? A própria conexão entre abandono (categoria da literatura) com os dados da presente pesquisa ficou estranha (pag. 9). Me parece que abandono toma contornos diferentes nos relatos. Os dados não me permitem concordar com a afirmação das/dos autores de que “abandonar significa ‘largar, deixar à própria sorte, desamparar’” e isso não é sinônimo de “abdicar de suas vidas sociais” ou de “postergar decisões”. É realmente uma dicotomia: abandono ou adiamento? Será que uma mesma mulher não utilize de muitas e diferentes estratégias na trajetória do doutorado?

Nesse sentido, entendo que a seção 4.1 mais trata de “malabarismos” (com várias estratégias de ação, como adiamento, abdicção, evitação, negação, ausência, negociação) do que com “abandono” como uma categoria genérica, já que muitas não desistiram a despeito das dificuldades e pressões. Destaco também a mesma questão em relação aos papéis. Vejo diferentes expectativas de papel para essas mulheres (comprometida, cumpridora, festeira, cicerone, provedora, companheira do marido, companheira dos amigos, responsável dos filhos, responsável dos pais) que vão além dos de ‘doutorandas, professoras, mães, filhas e esposas’. Algumas dessas expectativas recaem de forma diferente para cada uma delas, em outras, de forma igual. Me parece que dados têm uma riqueza muito maior do que as escolhas categóricas apresentadas que me parecem restritas ao que a literatura espera encontrar.

Destaco que essas são minhas interpretações, ou seja, possíveis interpretações (a cerca dos poucos dados que tiver acesso) e não a dos autores/autoras. E é esse comentário que remete novamente a carência da discussão sobre reflexividade e como os dados foram tratados, analisados e interpretados pelas/pelos pesquisadoras/pesquisadores. Ao tomar como certa as categorias “abandono” e “papéis” trazidos de uma literatura prévia, o estudo soa mais objetivista do que visando as diferentes possíveis interpretações alternativas que emergem dos dados.

Com isso, digo, é preciso que essas escolhas fiquem claras e se apresentem como tal na seção de método e de análise. Digo também que, numa perspectiva pós-estruturalista, a análise deve problematizar e levar em conta que essas mulheres são agentes que exercem diferentes tipos de ação (e reação) frente as pressões culturalmente e normativamente dadas, seja pela sociedade, seja pela academia e que são contextualmente ou estruturalmente dadas. Há um quê de resistência, de persistência e de luta que na interação com um quadro de interação social que as impele à pós-graduação ao mesmo tempo que as repele.

Uma parte dos resultados que são mencionados na introdução deveriam ser aprofundados nas considerações finais. Creio até que esteja bem desenvolvida a ideia de destacar reprodução da divisão sexual na área e como isso ganha contornos similares ou distintos na área contábil. A reflexão sobre a desconstrução de academia pautada em valores masculinos seria a parte que trata da agenda com 3 linhas/propostas de ação? Isto não fica claro. Creio que demonstrar como lógica produtivista e gerencialista constitui ‘ideal worked’ excludente esteja pouco explorado por ter sido apenas mencionado no último item dessa agenda em cerca de duas sentenças.

Acho até que os achados permitiriam explorar a discussão sobre gênero e conhecimento (quem o detém, quem tem o direito de produzi-lo e quem tem o direito de fala na academia) ao considerar na relação professor(a)-aluno(a) ou orientador(a)-orientando(a). Esta discussão, com base nos dados, seria mais interessante do mencionar o movimento COLID é desconectado do restante do texto (apesar de tratar de diversidade e gênero). Mencionar o COLID retira o foco da presente pesquisa (mesmo que faça parte de um projeto mais amplo das/dos pesquisadoras). Tira o foco também de potenciais contribuições feministas pós-estruturalistas que o estudo pretenda deixar.

Uma análise pós-estruturalista poderia/deveria pontuar novamente ao final a sociologia dessa dinâmica subjacente aos relatos (fantásticos e necessários) que revela o feminismo como um projeto de transformação social pela existência e persistência das mulheres na pós-graduação. As considerações deveriam deixar essa contribuição de ordem teórica mais enfatizada. Considero que não seja suficiente o único parágrafo que antecede a agenda (que considero interessante e necessária) para demarcar como os achados fazem avançar o conhecimento ‘pós-estruturalista interpretativo’ sobre como mulheres brasileiras da pós-graduação (há relatos não apenas do doutorado) em contabilidade constroem o “work-life balance” diante das pressões, restrições, impossibilidades, disputas, lutas e resistências. As barreiras, as culpas, as perdas são antigas conhecidas na literatura feminista em geral, mas aqui há algo de distinto e contributivo que é particular de nosso contexto cultural e de ação sendo merecedor de destaque final.

Additional Questions:

Does the manuscript contain new and significant information to justify publication?: Yes

Does the Abstract (Summary) clearly and accurately describe the content of the article?: Yes

Is the problem significant and concisely stated?: Yes

Are the methods described comprehensively?: No

Are the interpretations and conclusions justified by the results?: No

Is adequate reference made to other work in the field?: Yes

Is the language acceptable?: Yes

Does the article have data and / or materials that could be made publicly available by the authors?: Yes

Please state any conflict(s) of interest that you have in relation to the review of this paper (state “none” if this is not applicable).: No conflicts.

Rating:

Interest: 1. Excellent

Quality: 1. Excellent

Originality: 1. Excellent

Overall: 2. Good

Reviewer 2 report

Reviewer 2 for this round chose not to disclose his/her review report.

Authors' Responses

Prezado prof. Marcelo Bispo,

Gostaríamos de agradecer a oportunidade de submeter a versão revisada do artigo “Há tanta vida lá fora! Work-life Conflict, Mulheres e Pós-Graduação em Contabilidade” com base nos comentários dos revisores da Revista de Administração Contemporânea.

Os comentários feitos pelos revisores auxiliaram no processo de amadurecimento e refinamento do referido artigo, nesse sentido agradecemos imensamente as contribuições feitas. Visando auxiliar no processo de avaliação da versão revisada enviamos o documento com marcas de revisão, assim como um quadro com os comentários dos revisores e as ações tomadas para atender às solicitações de aprimoramento do artigo.

Nos colocamos à disposição para possíveis esclarecimentos.

Atenciosamente,

Camilla Soueneta Nascimento Nganga

Silvia Pereira de Castro Casa Nova

Sandra Maria Cerqueira da Silva

João Paulo Resende de Lima

Revisor 1	
Comentário revisor(a)	Ação
<p>Na seção de método, é necessário esclarecer o que é o construcionismo de Chua (1986), uma vez que esse conceito não nasce com a autora que traz (muito apropriadamente) uma releitura/discussão paradigmática a partir de Burrell & Morgan (1979) para a contabilidade. A RAC possui leitores de diversas subáreas das ciências sociais aplicadas e o uso dessa referência pode soar como uma “cortina de fumaça” ao não aprofundar a discussão necessária.</p>	<p>Agradecemos pelo comentário e pela sugestão. Incluímos as referências a autores que discutem e posicionam essa abordagem (Power & Gendron, 2015; Gephart, 2004; Lincoln & Guba 1985).</p>
<p>Entendo que esclarecer as afiliações epistêmicas dos autores é necessário em uma seção de metodologia para que se apresente o que as/os autoras/autores entendem por conhecimento, como ele é formado, e como ele pode ser acessado pelas falas dos sujeitos. O único parágrafo no ‘percurso metodológico’ (outra cortina de fumaça) não dá conta disso. Cada uma dessas vertentes possui respostas ligeiramente distintas para cada uma delas e esse detalhamento/profundidade, infelizmente, não está em Chua (1986).</p> <p>Considero esse esclarecimento importante pois diferentes autores na sociologia e na psicologia trabalham essa vertente de forma distinta inclusive em termos metodológicos devido aos diferentes desdobramentos do construcionismo (de Berger & Luchman) em, por exemplo, em construcionismo (de Gergen e outros na psicologia), do interacionismo simbólico (de Blumer ou de Goffman) e do interacionismo interpretativo e da a fenomenologia e círculo hermenêutico de (de Heidegger ou outros), dentre diversas outras vertentes interpretativistas.</p>	<p>Agradecemos pelo comentário e pela sugestão. Foi incluído um parágrafo para aprofundar esse ponto, trazendo referências a Burrell & Morgan (1979) e a Blumer (1969/1982). Esperamos que nosso posicionamento agora tenha sido esclarecido.</p>
<p>Na construção do roteiro de entrevista, é mencionado que este foi formado pelas experiências das pesquisadoras; entretanto, pergunto, não serão reconhecidas as influências do referencial teórico acessado na construção do roteiro? Diversos elementos apontados como resultados na introdução e no resumo já estavam na revisão de literatura. Me pergunto se esses estudos não influenciaram a montagem do roteiro bem como a análise dos resultados? Sugiro esclarecer da seção 3 em diante.</p>	<p>Agradecemos pelo comentário e pela sugestão. Ajustamos a metodologia, indicando a literatura anterior existente que deu base para a construção do roteiro de entrevistas.</p>
<p>A escolha por renomear todas as participantes utilizando-se nomes de mulheres negras brasileiras não me parece em nada apropriado. As/Os autoras/autores não adotam a perspectiva do feminismo negro no referencial (nem mesmo aquelas utilizadas para nomear as participantes, como Lélia ou Beatriz) e na metodologia afirmam assentar-se no pós-estruturalismo feminista utilizando duas referências brancas. Ao invés de soar como uma “homenagem”, parece-me expropriante e sem direito de escolha as pessoas que construíram e carregam/carregavam esses nomes.</p> <p>A esse respeito, a tabela 1 também não indica como as participantes se identificam em termos de raça, tornando mais difícil ainda aceitar esse critério para os pseudônimos. Ou seriam os pseudônimos escolhidos pela similaridade com as histórias das mulheres negras a despeito da identidade racial das entrevistadas? Não temos as histórias/trajetórias completas para que isso faça sentido.</p>	<p>Agradecemos pelo comentário e pela sugestão. Ajustamos a metodologia, e inserimos o seguinte parágrafo: Para a escolha dos nomes fictícios, diante do completo apagamento de pessoas negras na história do Brasil, foram utilizados nomes de mulheres negras brasileiras muito relevantes mas ainda pouco conhecidas, pois como pontua Silva (2016, p. 124), há a “[oportunidade de homenagear pessoas que têm uma história de vida imbuídas e voltadas para a construção de um mundo mais igual, embora não tão devidamente conhecidas ou reconhecidas”. Destaca-se também que a opção de visibilizar mulheres negras brasileiras também está relacionada com a identificação racial das pesquisadoras.</p>
<p>Um pequeno detalhe, a tabela 1 menciona “fase atual no doutorado”, entendo que estejam se referindo a “fase no doutorado quando da entrevista”, correto? Outro detalhe, a tabela 1 não deixa claro se temos dentre as participantes as doutorandas solteiras (jovens ou não) que não possuem nem parceiros, nem filhos. Elas foram contempladas no estudo? Ou foram retiradas do grupo para que dados sobre outros tipos de assédio não emergissem? Sugiro esclarecer.</p>	<p>Ajustamos a menção “Fase atual no doutorado” para “Fase no doutorado - momento da entrevista”. Destacamos que optamos por incluir as informações sobre filho/estado civil etc., quando as entrevistadas trouxeram tais aspectos.</p>
<p>Sobre o uso da “template analysis” de King, é importante frisar que tal técnica pode ser usada por pesquisadores qualitativos, tanto funcionalistas realistas e objetivistas, quanto pelos interpretativistas e construtivistas. Entretanto, como King afirma, é importante que os pressupostos epistêmicos sejam esclarecidos de forma a explicar a necessária flexibilidade na análise e interpretação, bem como a relação entre pesquisadores e entrevistados, assentados em reflexividade. Isso não foi esclarecido na seção de método também, o que me deixa em dúvidas se as/os pesquisadoras/pesquisadores possuem um perfil mais objetivista no uso da técnica de codificação do que necessariamente da reflexividade para que múltiplas interpretações possam emergir e serem discutidas.</p>	<p>Agradecemos o comentário. Visando solucionar as dúvidas sobre como a técnica foi adotada, apresentamos mais detalhes do processo de análise.</p>

Revisor 1	
Comentário revisor(a)	Ação
<p>Ao analisar a tabela 2 (à luz de alguns esclarecimentos que senti falta e foram mencionados acima), causa estranhamento que não exista um plural de categorias de primeira ordem, mas apenas uma. Digo isso, pois não parece adequado que a única categoria de primeira ordem (dita como emergindo dos dados) seja exatamente o descrito como objetivo do estudo: work-life balance. Também é estranho que tenham emergido apenas duas subcategorias e que estas sejam exatamente a forma como a análise é estruturada (em 2 seções). Em pesquisas construcionistas e interpretativistas, frequente, processo de interpretação inicia-se antes da elaboração do relatório de análise, de forma que, as categorias originalmente emergentes do campo são preservadas e trazidas à tona na formação do texto interpretativo. A estrutura desse texto interpretativo não necessariamente se dá em função das categorias ou subcategorias, mas sim do diálogo pretendido pelas/pelos autoras/autores com a literatura e seus leitores.</p> <p>É curioso que o texto aponta alguns elementos que poderiam ser categorias (da literatura ou dos dados), como responsabilidades atribuídas à mulher, divisão sexual do trabalho, diversos papéis (e sub papéis), influência do mercado (quais mercados), abandono, tipos de sofrimento; tipos de cobrança; e subcategorias correspondentes. Minha intenção com essa lista não é impor categorias aos autores, pelo contrário, apenas mostrar minha inquietação diante das possíveis categorias/ subcategorias que para mim “brotam” de alguns relatos ao lê-los na seção 4.</p> <p>Minha sugestão também não é no sentido de que o texto aumente, mas sim, que a tabela 2 seja mais completa contemplado, por exemplo, os diversos papéis (e sub papéis) que emergem das falar deixando a interpretação destes para a seção 4.</p>	<p>Agradecemos pelo comentário e pela sugestão. Ajustamos a metodologia, e inserimos o seguinte parágrafo: O presente estudo faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo, que tem por objetivo analisar o impacto dos processos de socialização vivenciados por mulheres em programas de pós-graduação em Ciências Contábeis na construção de suas identidades profissionais docentes. Na Tabela 2 é possível verificar as categorias de análise contidas neste projeto.</p> <p>Destacamos que as categorias e subcategorias, listadas na Tabela 2, serão analisadas e apresentadas em pesquisas futuras. Para o desenvolvimento deste estudo, nos concentramos nas análises relacionadas à categoria “<i>Work-life conflict</i>”, mulheres e a pós-graduação em Contabilidade”, conforme indicado na Tabela 3.</p>
<p>A esse respeito digo, os papéis seriam apenas de professoras, mães, filhas e esposas? Não existiriam diferentes tipos de mães ou esposas que são relatadas por essas mulheres: mãe zelosa, mãe ausente, mãe trabalhadora, mãe competitiva (e que ao mesmo tempo alimenta e não perde um prazo)! A interpretação das categorias poderia ser mais explorada, não apenas ter o papel “mãe” apontado de forma genérica e sem desconstruí-lo na interação com outras subcategorias, como produtivismo ou empregabilidade. A despeito dessa consideração a cerca da tabela 2 e das categorias, entendo que a estrutura do capítulo de análise é boa e as/os autores fizeram uma escolha interessante. Os relatos são incríveis e precisam ser lidos por ampla audiência.</p>	<p>Agradecemos o excelente ponto que nos fez refletir bastante e revisitar nossas análises. Nós incorporamos no texto a proposta de que existiriam diferentes tipos de mães ou esposas que são relatadas por essas mulheres: mãe zelosa, mãe ausente, mãe trabalhadora, mãe competitiva.</p>
<p>Entretanto, ficou confuso (na página 8) o uso literal de relatos de pesquisa anterior sobre abandono (Casa Nova, 2014) intercalado com os dados da presente pesquisa (acontece 2 vezes no texto estranhamente). A categoria abandono não emergiu das 12 entrevistas? Ninguém usou esse vocábulo nessa pesquisa (ao invés da referência mencionada)? A própria conexão entre abandono (categoria da literatura) com os dados da presente pesquisa ficou estranha (pag. 9). Me parece que abandono toma contornos diferentes nos relatos. Os dados não me permitem concordar com a afirmação das/dos autores de que “abandonar significa ‘largar, deixar à própria sorte, desamparar” e isso não é sinônimo de “abdicar de suas vidas sociais” ou de “postergar decisões”. É realmente uma dicotomia: abandono ou adiamento? Será que uma mesma mulher não utilize de muitas e diferentes estratégias na trajetória do doutorado?</p> <p>Nesse sentido, entendo que a seção 4.1 mais trata de “malabarismos” (com várias estratégias de ação, como adiamento, abdicar, evitação, negação, ausência, negociação) do que com “abandono” como uma categoria genérica, já que muitas não desistiram a despeito das dificuldades e pressões. Destaco também a mesma questão em relação aos papéis. Vejo diferentes expectativas de papel para essas mulheres (comprometida, cumpridora, festeira, cicerone, provedora, companheira do marido, companheira dos amigos, responsável dos filhos, responsável dos pais) que vão além dos de ‘doutorandas, professoras, mães, filhas e esposas’. Algumas dessas expectativas recaem de forma diferente para cada uma delas, em outras, de forma igual. Me parece que dados têm uma riqueza muito maior do que as escolhas categóricas apresentadas que me parecem restritas ao que a literatura espera encontrar.</p> <p>Destaco que essas são minhas interpretações, ou seja, possíveis interpretações (a cerca dos poucos dados que tiver acesso) e não a dos autores/autoras. E é esse comentário que remete novamente a carência da discussão sobre reflexividade e como os dados foram tratados, analisados e interpretados pelas/pelos pesquisadoras/pesquisadores. Ao tomar como certa as categorias “abandono” e “papéis” trazidos de uma literatura prévia, o estudo soa mais objetivista do que visando as diferentes possíveis interpretações alternativas que emergem dos dados.</p>	<p>Agradecemos a reflexão sobre esse ponto que é central na pesquisa. Retiramos um dos relatos literais da pesquisa anterior. A categoria “abandono” emergiu das entrevistas como no relato de Azoilda: “Porque, realmente (ano anterior), eu praticamente abandonei casa, marido, filho, abandonei tudo e fui estudar”. E também no relato de Teresa: “A mulher, ela geralmente, ela tem outras atribuições. Então, por exemplo, eu sou mãe, eu não vou deixar de observar o meu filho para única e exclusivamente viver o doutorado... abandonar o meu filho, nesse sentido”.</p> <p>Concordamos que abandono toma diferentes contornos, e que diferentes estratégias são adotadas na trajetória do doutorado, e trouxemos essas nuances para o texto, inclusive fazendo referência aos “malabarismo”</p>

Revisor 1	
Comentário revisor(a)	Ação
<p>Com isso, digo, é preciso que essas escolhas fiquem claras e se apresentem como tal na seção de método e de análise. Digo também que, numa perspectiva pós-estruturalista, a análise deve problematizar e levar em conta que essas mulheres são agentes que exercem diferentes tipos de ação (e reação) frente as pressões culturalmente e normativamente dadas, seja pela sociedade, seja pela academia e que são contextualmente ou estruturalmente dadas. Há um quê de resistência, de persistência e de luta que na interação com um quadro de interação social que as impele à pós-graduação ao mesmo tempo que as repele.</p>	<p>Levamos para o texto da pesquisa: numa perspectiva pós-estruturalista, a análise deve problematizar e levar em conta que essas mulheres são agentes que exercem diferentes tipos de ação (e reação) frente as pressões culturalmente e normativamente dadas, seja pela sociedade, seja pela academia e que são contextualmente ou estruturalmente dadas. Há um quê de resistência, de persistência e de luta que na interação com um quadro de interação social que as impele à pós-graduação ao mesmo tempo que as repele.</p>
<p>Uma parte dos resultados que são mencionados na introdução deveriam ser aprofundados nas considerações finais. Creio até que esteja bem desenvolvida a ideia de destacar reprodução da divisão sexual na área e como isso ganha contornos simulares ou distintos na área contábil. A reflexão sobre a desconstrução de academia pautada em valores masculinos seria a parte que trata da agenda com 3 linhas/propostas de ação? Isto não fica claro. Creio que demonstrar como lógica produtivista e gerencialista constitui 'ideal worked' excludente esteja pouco explorado por ter sido apenas mencionado no último item dessa agenda em cerca de duas sentenças.</p>	<p>Agradecemos o comentário e a sugestão. As considerações finais foram revisadas, sendo que o elo entre a desconstrução da academia e as recomendações práticas foi inserido.</p>
<p>Acho até que os achados permitiriam explorar a discussão sobre gênero e conhecimento (quem o detém, quem tem o direito de produzi-lo e quem tem o direito de fala na academia) ao considerar na relação professor(a)-aluno(a) ou orientador(a)-orientando(a). Esta discussão, com base nos dados, seria mais interessante do mencionar o movimento COLID é desconectado do restante do texto (apesar de tratar de diversidade e gênero). Mencionar o COLID retira o foco da presente pesquisa (mesmo que faça parte de um projeto mais amplo das/dos pesquisadoras). Tira o foco também de potenciais contribuições feministas pós-estruturalistas que o estudo pretenda deixar.</p>	<p>Agradecemos o comentário e a sugestão. Retiramos a menção ao COLID, para que haja maior destaque das contribuições feministas.</p>
<p>Uma análise pós-estruturalista poderia/deveria pontuar novamente ao final a sociologia dessa dinâmica subjacente aos relatos (fantásticos e necessários) que revela o feminismo como um projeto de transformação social pela existência e persistência das mulheres na pós-graduação. As considerações deveriam deixar essa contribuição de ordem teórica mais enfatizada. Considero que não seja suficiente o único parágrafo que antecede a agenda (que considero interessante e necessária) para demarcar como os achados fazem avançar o conhecimento 'pós-estruturalista interpretativo' sobre como mulheres brasileiras da pós-graduação (há relatos não apenas do doutorado) em contabilidade constroem o "work-life balance" diante das pressões, restrições, impossibilidades, disputas, lutas e resistências. As barreiras, as culpas, as perdas são antigas conhecidas na literatura feminista em geral, mas aqui há algo de distinto e contributivo que é particular de nosso contexto cultural e de ação sendo merecedor de destaque final.</p>	<p>Agradecemos o comentário e a sugestão. As considerações finais foram revisadas, sendo que a contribuição teórica indicada foi incluída no texto.</p>
Revisão 2	
Comentário revisor(a)	Ação

The authors' responses to the comments of Reviewer 2 for this round were omitted from this report, since the reviewer did not authorize the disclosure of his/her report.

ROUND 2

Reviewer 1 report

Reviewer: Fernanda Filgueiras Sauerbronn

Date review returned: August 07, 2022

Recommendation: Accept

Comments to the authors

Agradeço a oportunidade de ler o artigo e acompanhar seu desenvolvimento. Entendo que diversas sugestões foram incorporadas pelos autores e não irei tratar aqui de reconhecer esses avanços positivos para facilitar nossos entendimentos. Apenas farei alguns poucos comentários que entendo possam ser ainda incorporados ou ajustados.

Em relação à opção das autoras e do autor (indevidamente identificados na carta resposta desse processo editorial), entendo que esteja justificada seus posicionamentos “para superar apagamentos”. Entretanto, permanecem algumas perguntas: qual o motivo da escolha pelo pós-estruturalismo feminista que apaga as mesmas autoras que se escolheu homenagear? Qual o motivo de essas não terem sido escolhidas para base do referencial teórico? Qual motivo de explorar seus nomes e não refletir o pensamento das autoras pretas? Não seria a dominância do pós-estruturalismo feminista branco uma das principais críticas das feministas negras que contraditoriamente os autores pretendem homenagear? Usar seus nomes, mas manter a hegemonia do feminismo branco que originalmente criticam (ver hooks, 1984), não seria “des-homenagear” e “afrontá-las”?

Os autores desconsideram no texto (parte central do texto) essa problemática epistêmica. Assim a manutenção soa oportunista e pouco problematizada em termos de luta no campo. A forma atual, exclui e ignora as disputas no campo e explora as pensadoras pretas para dar “credibilidade” à episteme branca que é abraçada no estudo.

Entendo e respeito que queiram manter a “renomeação”, então sugiro incluir um pouco de problematização ao menos em nota de rodapé. Outra sugestão é apontar que a incorporação de quadros teóricos do feminismo negro faz parte de um projeto mais amplo de pesquisa dos autores. Isso ocorre no final do artigo (como sugestão), mas creio ser importante aparecer em sua parte central.

O sexto parágrafo da página 10 está formatado com recuo (igual à citação de relato de entrevista). Este é na verdade é uma discussão dos achados em articulação com a literatura e não deve ter o recuo.

Na página 16, há uma menção à pandemia. Entendo que seja COVID-19. Sugiro incorporar “pandemia de COVID-2019 decretada pela OMS em ...”. Entendo ser necessário, uma vez que esse texto tem potencial para ser lido e citado por muitas décadas ainda por vir, inclusive aquelas em que o contexto atual pode não ser entendido de imediato.

Agradeço a interação e desejo sucesso aos autores.

Additional Questions:

Does the manuscript contain new and significant information to justify publication?: Yes

Does the Abstract (Summary) clearly and accurately describe the content of the article?: Yes

Is the problem significant and concisely stated?: Yes

Are the methods described comprehensively?: Yes

Are the interpretations and conclusions justified by the results?: Yes

Is adequate reference made to other work in the field?: Yes

Is the language acceptable?: Yes

Does the article have data and / or materials that could be made publicly available by the authors?: Yes

Please state any conflict(s) of interest that you have in relation to the review of this paper (state “none” if this is not applicable):.

Rating:

Interest: 1. Excellent

Quality: 1. Excellent

Originality: 2. Good

Overall: 1. Excellent

Authors' Responses

Prezado prof. Marcelo Bispo,

Gostaríamos de agradecer a oportunidade de submeter a versão revisada do artigo “Há tanta vida lá fora! Work-life Conflict, Mulheres e Pós-Graduação em Contabilidade” com base nos comentários dos revisores da Revista de Administração Contemporânea.

Os comentários feitos pelos revisores auxiliaram no processo de amadurecimento e refinamento do referido artigo, nesse sentido agradecemos imensamente as contribuições feitas. Visando auxiliar no processo de avaliação da versão revisada apresentamos abaixo os comentários dos revisores e as ações tomadas para atender às solicitações de aprimoramento do artigo.

Acerca da divulgação dos dados da pesquisa em repositório público, destacamos que o presente artigo faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo, aprovado em comitê ética. A submissão ao comitê previa que apenas as pessoas envolvidas na elaboração da pesquisa e seus frutos teriam acesso às transcrições na íntegra para proteger as participantes e seu anonimato. Tal fato já havia sido incluído na carta ao editor no momento da submissão. Nesse sentido, gostaríamos de uma posição do corpo editorial de como dar prosseguimento a essa demanda.

Nos colocamos à disposição para possíveis esclarecimentos.

Atenciosamente,

As autoras

COMENTÁRIO REVISOR(A)

Em relação à opção das autoras e do autor (indevidamente identificados na carta resposta desse processo editorial), entendo que esteja justificada seus posicionamentos “para superar apagamentos”. Entretanto, permanecem algumas perguntas: qual o motivo da escolha pelo pós-estruturalismo feminista que apaga as mesmas autoras que se escolheu homenagear? Qual o motivo de essas não terem sido escolhidas para base do referencial teórico? Qual motivo de explorar seus nomes e não refletir o pensamento das autoras pretas? Não seria a dominância do pós-estruturalismo feminista branco uma das principais críticas das feministas negras que contraditoriamente os autores pretendem homenagear? Usar seus nomes, mas manter a hegemonia do feminismo branco que originalmente criticam (ver hooks, 1984), não seria “des-homenagear” e “afrontá-las”?

Os autores desconsideram no texto (parte central do texto) essa problemática epistêmica. Assim a manutenção soa oportunista e pouco problematizada em termos de luta no campo. A forma atual, exclui e ignora as disputas no campo e explora as pensadoras pretas para dar “credibilidade” à episteme branca que é abraçada no estudo.

Entendo e respeito que queiram manter a “renomeação”, então sugiro incluir um pouco de problematização ao menos em nota de rodapé.

ALTERAÇÃO/RESPOSTA

Agradecemos o comentário. Seguindo a recomendação adicionamos a nota de rodapé 2.

“Ainda que haja a tentativa de visibilizar mulheres negras brasileiras a partir da utilização de seus nomes para a apresentação das entrevistadas, nós entendemos que ainda se trata de uma tímida ação para, verdadeiramente, superar os apagamentos epistêmicos sofridos pelas intelectuais negras brasileiras citadas. Esta pesquisa corresponde a um convite para refletir sobre a educação e a profissão docente - marcadas, nos dias de hoje, pela destruição de políticas públicas e perseguição a educadores-. Também vivemos às sombras do fascismo e do autoritarismo, o que nos amedronta. É preciso nos manter pessoas conectadas à meios e elementos que alimentem a esperança, conforme bem salienta bell hooks. É neste sentido que, ao identificar, durante a realização das entrevistas, a ausência ou pequena presença de mulheres negras no Brasil e nos Estados Unidos, mencionamos – ainda que como pseudônimos - mulheres negras, as quais carecem de reconhecimento da potência das obras destas intelectuais. Fizemos. cComo uma forma de dar visibilidade a estas (re)ex(s)istências. É o que foi possível fazer, diante do corpus que emergiu. Este ato segue a provocação de bell hooks (2021), no sentido de agir continuamente para “tornar a sala de aula um lugar de apoio à vida e de expansão da mente”.”

COMENTÁRIO REVISOR(A)

Outra sugestão é apontar que a incorporação de quadros teóricos do feminismo negro faz parte de um projeto mais amplo de pesquisa dos autores. Isso ocorre no final do artigo (como sugestão), mas creio ser importante aparecer em sua parte central.

RESPOSTA/ALTERAÇÃO

Agradecemos o comentário. Adicionamos um parágrafo de reflexão na metodologia do trabalho e nas considerações finais do texto.

“Sentimos, nesta pesquisa, a necessidade da incorporação de quadros teóricos do feminismo negro. Para que o texto guardasse coerência, isto não foi possível de incorporar. Este intuito faz parte de um projeto mais amplo de pesquisa das pessoas-autoras, um projeto de longo prazo, o projeto de uma (algumas) vida(s). Nessa busca, temos o desafio de unir a diversidade com a pluralidade. A pluralidade, como pontua bell hooks (2021), envolve necessariamente desafiar velhas ideias e abdicar de modelos já conhecidos, para “desaprender formas de educação do dominador” (p. 98). Estamos em meio a esse caminho.”

“bell hooks (2021, p. 96), ao refletir sobre o papel da academia sobre raça e racismo, sobre gênero e feminismo, chama a atenção da grande intervenção que é feita, "conectando lutas por justiça externas à academia com os modos de saber de dentro dela". Ela também se posiciona que os movimentos por inclusão foram apoiados por muitos quando "as diversas formas de saber eram ensinadas como subordinadas às formas de saber superiores, caracterizadas pelo dualismo metafísico ocidental e sua cultura do dominador". Terminamos esse artigo com o desejo que pesquisas futuras venham a refletir perspectivas teóricas mais diversas e interseccionais, desde o campo de pesquisa - caracterizado ainda por uma academia branca, masculinizada e elitista que ainda comporta uma limitada diversidade -, até a lente teórica, que deve e pode abraçar todos os saberes.”

COMENTÁRIO REVISOR(A)

O sexto parágrafo da página 10 está formatado com recuo (igual à citação de relato de entrevista). Este é na verdade é uma discussão dos achados em articulação com a literatura e não deve ter o recuo.

RESPOSTA/ALTERAÇÃO

Agradecemos pelo apontamento. O ajuste de formatação foi realizado.

COMENTÁRIO REVISOR(A)

Na página 16, há uma menção à pandemia. Entendo que seja COVID-19. *Sugiro incorporar “pandemia de COVID-2019 decretada pela OMS em”.* Entendo ser necessário, uma vez que esse texto tem potencial para ser lido e citado por muitas décadas ainda por vir, inclusive aquelas em que o contexto atual pode não ser entendido de imediato.

RESPOSTA/ALTERAÇÃO

Agradecemos pelo apontamento. O ajuste indicado foi inserido no texto.